

Variação e prototipicidade nas construções causativas: o caso da família etimológica derivada de *ducere*

António Ângelo Marcelino Mendes

Universidade Católica Portuguesa – Braga

1. Caracterização preliminar

Nesta comunicação, mostraremos que a família etimológica derivada de *ducere* – **aduzir, conduzir, deduzir, seduzir**, etc. – constitui um campo lexical, uma categoria simbólica complexa que se revela, simultaneamente, um bom modelo linguístico para se investigar a estruturação e a representação cognitiva de situações de movimento e causação em múltiplos domínios: físico, psicológico, social, inferencial, discursivo. Analisamos este mesmo fenómeno na perspectiva da Linguística Cognitiva, uma abordagem conceptualista dos fenómenos linguísticos centrada na pesquisa dos padrões e processos nos quais o conteúdo conceptual é construído e organizado na linguagem (Talmy, 2000; Langacker, 1987).

2. O nosso modelo linguístico: a família etimológica dos derivados de *ducere*

Se na língua latina houve um período em que o radical e os préverbios dos lexemas verbais derivados de *ducere*, existiram como morfemas livres, no Português Europeu, nem o interpositivo *-duz* existe como morfema autónomo e livre nem os lexemas derivados de *-duz* não requerem qualquer esforço construtivo no seu uso, documentando-se a sua gramaticalização em múltiplos tipos de classes gramaticais:

Tabela 1 – Gramaticalização dos derivados de *-duz.* (Corpus CETEMPúblico anotado 1.0)

LEXEMAS	CASOS	Categorias que a realizam			
		V	N	ADJ	ADV
[ADUZIR]	379	148	112	119	
[CONDUZIR]	22519	12741	9540	238	
[DEDUZIR]	1623	941	550	132	
[INDUZIR]	1132	973	100	59	
[INTRODUZIR]	11986	7809	3978	199	
[MANDUCAR]	11	6	5		
[PRODUZIR]	75280	14845	55673	4750	12
{RECONDUZIR}	1005	708	295	2	
[REDUZIR]	32680	19380	12660	631	9
[REINTRODUZIR]	248	143	105		
[REPRODUZIR]	4354	2409	1702	243	
{SEDUZIR}	2541	1103	1019	415	4
{TRADUZIR}	12806	8656	4104	46	

Qualquer tentativa para descrever e explicar a incógnita coerência semasiológica de tão vasto número de unidades linguísticas confronta-se, pois, com duas questões básicas: os membros desta família etimológica são categorias autónomas, ou, pelo contrário, formam um único espaço simbólico que inclui elementos de diversas categorias gramaticais? Que variações na estrutura onomasiológica e semasiológica sofreu a categoria latina no espaço romance?

Os dados da tabela anterior parecem tornar plausível a hipótese da existência de uma categoria simbólica complexa revelando, adicionalmente, diferentes graus de implantação no sistema da língua ou de facilidade de activação. Veja-se a ausência de uso adverbial de algumas unidades ou compare-se, por exemplo, o uso relativo de [DEDUZIR]¹ e [INDUZIR]: apesar de globalmente mais frequente, o uso verbal de [DEDUZIR] é menor que o de [INDUZIR], verificando-se o oposto nos usos nominal e adjectival.

O modelo de categorização em rede proposto por Langacker descreve e explica o facto de unidades linguísticas em diferentes níveis de esquematicidade partilharem o mesmo valor semântico e o facto de alguns nodos de uma rede complexa serem mais salientes que outros para o falante comum, o que obriga ao esforço de equacionar um determinado significado com toda a rede da categoria. Aplicando este modelo ao nosso objecto de estudo, parece razoável, do ponto de vista da análise linguística, descrever os lexemas em

¹ Adoptamos aqui a notação de Langacker (1987: 59): parênteses recto ou polígonos (quadrados e rectângulos) para representar uma estrutura linguística com estatuto de unidade convencional; parênteses curvos ou curvas fechadas (círculos ou elipses) para estruturas ainda sem estatuto de unidade; o indica que se trata de uma unidade simbólica já enraizada; o primeiro membro em maiúsculas representa o pólo conceptual da unidade; o “f” a relação de categorização; o segundo membro, em minúsculas, o pólo fonológico da unidade simbólica.

estudo como uma categoria complexa e coerente, como uma família lexical resultante de derivações (sobretudo parassintéticas), flexões e composições construídas sobre os morfemas base {DUZ}, {DUC}, {DUT} e {DUÇ}. Nos termos da Gramática Cognitiva, [[DUZ]/[duz]], [[DUC]/[duc]], [[DUT]/[dut]] e [[DUÇ]/[duç]], são as unidades simbólicas mínimas a partir das quais se gera um único espaço simbólico, coerente e específico, que inclui unidades verbais, nominais, adjectivais e adverbiais.

Porém, a possibilidade de representação abstracta como categoria simbólica na mente do linguista é apenas condição necessária, mas não suficiente, para estabelecer positivamente o uso e funcionamento efectivos de tais unidades como uma categoria simbólica complexa. Por outras palavras, como demonstrar que a nossa conclusão não está já implícita na nossa assumpção da noção de gramática de uma língua como um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais que originam, por relações de simbolização, categorização e combinação sintagmática ou integração, redes esquemáticas ou categorias simbólicas complexas (Langacker, 1987: 75; 84; 90)? Tentaremos demonstrá-lo, testando empiricamente a hipótese da categoria complexa. Tal teste implica admitir, de acordo com a nossa assumpção, que se não ocorrerem num *corpus* de uso real do Português Europeu as unidades simbólicas mínimas que originam a rede esquemática, então a hipótese é infirmada. Para esse teste empírico, recorreremos ao *corpus* CETEMPúblico anotado 1.0². Neste *corpus*, encontramos unidades que constituem verdadeiros fósseis linguísticos vivos:

Tabela 2 – Unidades simbólicas mínimas no CETEMPúblico anotado 1.0

UNIDADE	CASOS
[DUQUE]/[duke]	633
[DUCHE]/[dule]	403
[DUQUESA]/[dukeza]	324
[DUCTILIDADE]/[duktilidade]	28
[DÚCTIL]/[dúkril]	3
[DUCTIBILIDADE]/[duktibilidade]	2
[[DUCTO]/[dukto]]	2
[[DUTO]]/[duto]	1
[[CONDUTA]]/[conduta]	3160
[[VIADUTO]]/[viaduto]	1846
[[GASODUTO]]/[gazoduto]	1123
[[OLEODUTO]]/[oleoduto]	215

O padrão semântico comum a estas unidades só é explicável caso se admita que o conceito básico destes termos – [CONDUZIR] – é simbolizado por [duk(t)] e que estamos perante uma categoria complexa, constituindo estas unidades constituem diferentes nodos de acesso a uma mesma rede conceptual.

² Actualmente, já está disponível em www.linguateca.pt uma versão mais recente deste *corpus*.

Este é um argumento empírico decisivo a favor da hipótese da categoria simbólica complexa: além de respeitar o princípio da economia das hipóteses, a observação destes factos corrobora a nossa hipótese, uma corroboração reforçada pela convergência com outro argumento empírico, a documentação (tabela 1) de equivalências onomasiológicas entre distintas unidades fonológicas, inclusive de classe gramatical diversa.

2.1 Variação diacrónica na lexicalização da deslocação e causação

Um terceiro argumento, de natureza diacrónica, reforça os anteriores. Tomemos como ponto de partida estes três exemplos do século XI, extraídos, tal como os próximos, do *corpus* CPM³:

- (1) *deo eterna salute Amen. Ideo plaqui michi per bona pazis et uoluntas vt faceremus ad tibi gotiere menendizi et uxor uestra onega gunzaluizi et diagu menendizi et uxor sua nomen duze sicut et facimus kartula uenditionis et firmitatis de ereditate nostras probia que abemus in uila quos uocitant uila fornos subtus mons castro portela discurente ribulu umia Teretorio portugalensis iusta ziuitas*
- (2) *meliorata et insuper #T solidos et iudicato. Era #TCXXXaVIIIa. Ego pelagio sendamirizi et zendon sendamirizi ad uobis gotiere menendizi et onega guncaluizi et ad diagu menendizi et uxor sua nomen duze in anc cartula uenditionis et firmitatis manus nostras rouorauimus. Truitesindo quos uidi Diagu quos uidi Sesnando quos uidi. Gunzaluuo test. Pelagio test. Moniu test. Suario test. Menendo notuit.*
- (3) *insuper multa ei addidit. Igitur ego sesenandus consul prefatam ciuitatem suis cum confinibus ex necessariis omnibus restauraui et tutissimis presidis firmiter adarmaui necne ex diuersis partibus populo christianorum inhabitare curam duxi.*

Estes três exemplos documentam, antes de mais, a co-ocorrência dos espaços simbólicos [DUCO / duco] e [DUZ(E)IR / duz(e)ir]. Por outro lado, a tabela 3 permite concluir que, tanto quanto é possível observar, não se infirma a previsão, decorrente da nossa assumpção, da co-ocorrência de unidades dos espaços latinos [DUCO / duco] e [[PRV]-[DUCO]] e do espaço romance [DUZ(E)IR / duz(e)ir], pelo que parece legítimo inferir que a categoria romance se desenvolveu a partir da categoria latina.

A corroboração desta possibilidade é reforçada por ser possível reconstruir empiricamente a variação na estrutura onomasiológica do campo lexical [DUCO] analisando a respectiva saliência onomasiológica (tabela 3), isto é, atendendo à razão entre a percentagem da frequência de ocorrências das várias unidades em cada *corpora* e a frequência total da categoria em cada *corpora*.

³ Este *corpus* do Português Medieval inclui o *Corpus Informatizado do Português Medieval* e ainda dois *corpora* de textos notariais do século XI-XII, descritos e gentilmente facultados por Cristina Vieira da Silva (2000a, 2000b).

Tabela 3 — Saliência onomasiológica em [DUCO] (dados do CPM)

Unidade	D&C, XI	DR	CIPM13	CIPM14
[duco]	0,169	0,400		
[[prv]-[duco]]	0,807	0,582		
[[a]-[duco]]	0,361	0,382		
[[a]-[duser]]			0,105	0,370
[[a]-[dusser]]			0,281	0,370
[[a]-[duzer]]			0,544	0,565
[[a]-[duzir]]*			0,930	1,304
[duzer]	0,024		0,053	
[[prv]-[duzer]]*			0,930	1,348
[[prv]-[duzer]]		0,018		0,043

Na tabela anterior, as unidades onomasiologicamente mais salientes em cada um dos períodos são destacadas a negrito. A extinção das unidades [DUCO] e [[PRV]-[DUCO]] a partir do século XIII sugere, por seu lado, também uma variação semasiológica, configurando-se, assim, a hipótese de uma mudança de protótipo no campo lexical de [DUCO], com a unidade [[a]-[duzer]] a assimilar progressivamente os valores semânticos ou conceptuais simbolizados anteriormente pelas unidades fonológicas [duco] e [[prv]-[duco]] através de um estágio intermédio dessa variação, no qual a competição se faz sobretudo no pólo fonológico das unidades simbólicas:

[DUCO/duco] >> [DUCO / duzer] >> [DUZER / duzer]

Esta competição continua nos materiais linguísticos do século XII (tabela 3) incluídos nos *corpora*, e é verificável na interpolação da unidade [duzer] nos exemplos seguintes:

- (4) *Tam iure fori quam iure poli euidenter instruimur quod instrumentis questio probatur cum scriptum aliquod ad probandum factum quod in questione est inducitur, hoc autem tale esse debet ut aulici uel publici tabularij conscriptione et testium subscriptione roboretur.*
- (5) *Non introducā Munium Barrosum uel Ebraldum Colimbriam. Homines de Bolondent nobis quartam partem et non cornaria. Promittimus non tenere in mente uel corde malam uoluntatem uel iram de hoc quod nunc*
- (6) *et christianos per fe sine malo engano et herma et populata quomodo bona germana ad bona germana et que non colia suo uassallo cum sua honore aut aleiuoso Qui noluerit exconduzer cum iuditio directo et si illa regina isto iuramento non attenderit que des illo die que li demandar la infante ad #X'a dies si illa noluerit intregure que nos sedeamos*

Paralelamente, se o percurso em Latim é obrigatória e plenamente expresso pelo recurso a uma preposição e a um satélite que forma prefixos na raiz verbal (como em (4)), então (a) devem enraizar-se nas novas línguas os complexos verbais latinos, formados pela raiz e prefixo, mais os padrões de lexicalização que lhes estão associados, e (b) surgem alterações na semântica das unidades verbais herdadas de modo a preencher a grelha direccional do novo sistema verbal (Talmy 2000b: 102-118).

De facto, os dados extraídos da tabela evidenciam a progressiva saliência onomasiológica e semasiológica dos complexos verbais que melhor servem a obrigação do recurso ao prefixo e preposição para uma marcação completa da fusão entre deslocação e percurso, destacados a negrito na tabela 3, na estruturação conceptual de situações de (3), (5), (6) movimento objectivo, de (4) movimento abstracto, de (3)-(4) mudança de estado, ou de situações de (5)-(6) causação física, (3) causação volitiva e ou (4) indutiva.

Em resumo, a ideia de que a família etimológica derivada de *ducere* constitui uma única categoria simbólica recolhe apoio em três argumentos extraídos de *corpora*: as assimetrias morfológicas actuais são memória das variações formais decorrentes do contacto entre os espaços simbólicos latino e peninsular; equivalências onomasiológicas entre distintas unidades do português actual; variações onomasiológicas associadas a variações semasiológicas nos domínios semânticos da deslocação, mudança de estado e causação.

3. Lexicalização da deslocação e causação nos derivados de *-duz*

A motivação cognitiva para o facto linguístico de que apenas determinados esquemas de evento são linguisticamente codificados num número limitado de padrões frásicos ou esquemas sintácticos é que, aparentemente, percebemos e conceptualizamos certos movimentos complexos como um macro-evento composto de dois padrões esquemáticos de movimentos mais simples, apenas abstractamente separáveis numa relação figura-fundo (Talmy, 2000b: 36; 213). Esta relação de composição, nomeadamente entre um evento principal e um co-evento subordinado, parece traduzir uma limitação cognitiva quanto ao tipo de unidade que pode ser lexicalizada: a máxima estrutura de evento lexicalizável como uma unidade atómica inclui, no máximo, um agente, pelo que uma estrutura de evento composta por mais de um segmento encabeçado por um agente, não pode ser lexicalizada.

3.1 Esquemas conceptuais de eventos no Português Europeu

Esta restrição cognitiva à lexicalização parece ter um papel importante no desenvolvimento diacrónico de causativos e parece reflectir-se de modo sistemático na gramática (Shibatani 2002:3-7,10; Shibatani & Pardeshi 2002: 121). Comparativamente às situações envolvendo um causado passivo ou paciente, sobretudo inanimado, aquelas que envolvem um causado activo ou agente correlacionam-se com expressões formalmente mais elaboradas. Por outro lado, verifica-se uma reorientação da estrutura argumental de modo a acomodar os dois agentes necessários à causativização de verbos intransitivos activos ou transitivos, em que o papel do agente na estrutura argumental já está preenchido, nomeadamente através de uma composição entre uma estrutura de evento causador e uma estrutura

de evento causado. Finalmente, a hierarquia **intransitivos inactivos > intransitivos activos > transitivos** reflecte a diferença no esforço requerido ao causador/agente para realizar o evento causado sobre um causado / paciente inanimado ou inanimado ou sobre um causado / experienciador.

Importa, portanto, relembrar os possíveis esquemas conceptuais de evento gramaticalizados no Português Europeu e as estruturas formais que as elaboram e respectivos significados (Silva 2001b):

Tabela 4 — Sistematização dos padrões de lexicalização de eventos em Português

ESQUEMA CONCEPTUAL	PAPÉIS TEMÁTICOS	PADRÕES SINTÁCTICOS
'acontecer'	Paciente	SUJ-V
'fazer'	Agente - (Paciente)	SUJ-V-(OD)
'experienciar'	Paciente	SUJ-V-OD
'ter'	Possuidor - Paciente	SUJ-V-OD
'mover'	(Ag.) - Paciente-Meta	SUJ-V-(OD)-OBL
'transferir'	Ag. - Pac. - Recipiente	SUJ-V-OD-OI

Enquanto codificam esquemas conceptuais de evento, as construções sintácticas possuem um valor semântico próprio, decorrente da elaboração na conceptualização de tais eventos e na sua organização frásica de determinados modelos cognitivos e de três dimensões estruturantes fundamentais : a espacial, a temporal e a causal (Langacker, 2000: 222-233; 297-315; Talmy 2000b: 21-88; 211-261). A tabela 5 identifica algumas das construções básicas em Português e o respectivo significado:

Tabela 5 — Construções básicas do Português

CONSTRUÇÃO	SIGNIFICADO	ESQUEMA CONCEPTUAL
Transitiva SUJ-V-OD	X age sobre Y	'fazer'
Ditransitiva SUJ-V-OD-OI	X experiencia Y	'experienciar'
Movimento Causado SUJ-V-OD-OBL	X faz Y ser recebido por Z	'transferir'
Resultativa SUJ-V-OD-PRED	X faz Y deslocar-se para Z	'mover'
	X faz com que Y se torne Z	'mudar'

O carácter básico destas construções deriva do facto de as construções intransitivas de objecto indirecto, de movimento e resultativa serem, notoriamente, extensões metonímicas das respectivas construções transitivas.

3.2 Estruturação e lexicalização da Causação nos derivados de *-duz*

A semântica verbal nesta categoria é, em termos gerais, descrita como resultante da interacção entre elementos gramaticais e lexicais: elaboração, por um verbo, do esquema conceptual ‘mover’ através construção do movimento causado, SUJ-V-(OD)-OBL e o consequente preenchimento dos papéis temáticos de agente, paciente e alvo ou meta; desenvolvimento como sintagma preposicional do complemento direcciona da construção; por último, mas não menos importante, incorporação de um prefixo que assinale uma determinada relação numa certa direcção (Cifuentes Honrubia 1999: 151; Talmy 2000b: 56; 103-112; 117-119).

A título de exemplo, considerem-se os seguintes usos documentados no *corpus* CETEMPúblico 1.0 anotado:

- (7) a. *Os gritos da criança alertaram um vizinho que a conduziu a uma clínica local*
 b. *tomaram a estrada que conduz a Queluz*
 c. *não creio que seja necessário conduzi-lo pela mão como se fosse um indigente*
 d. *No final do treino, Secretário apresentou dores e queixas, sendo conduzido ao hospital para avaliação médica*

A lexicalização do movimento (espacial ou abstracto) pelos verbos desta categoria simbólica ou campo lexical pode, consequentemente, ser descrita como uma elaboração sobretudo do padrão da fusão (7a,b,d) entre Deslocação e Percurso ou (7d) entre Deslocação e Figura, (7a) entre Deslocação e Fundo ou (7c) entre Deslocação e Modo (Batoréo 2003: 134-138; Cifuentes Honrubia 1999: 151; Talmy 2000b: 51-57).

Todos os usos transitivos que exprimem movimento causado incorporam um sentido causativo, mas usos como (7b) que não especificam um evento independente que faça a Figura mover-se não são habitualmente analisados como fusão de Deslocação e Causa (Choi & Bowerman 1991:87, n. 2), pois esta causatividade inerente é entendida como distinta do conceito de ‘Causa’ usado na análise da expressão de eventos causais.

Tabela 6 — Tipos de causação lexicalizados nos derivados de *-duz*

TIPOS DE CAUSAÇÃO (Talmy, 2000a: 471-475)	EXEMPLOS DE TALMY (2000b: 69-70)	DERIVADOS DE -DUZ (CETEMPúblico 1.0)
a. Autonomous event (não-causativo)	The vase broke.	(10) a contribuição autárquica reduz (em 0,1 por cento)
b. Resulting-event causation	The vase broke from a ball's rolling into it.	(11) Estes resultados traduzem a implantação que a columbofi- lia dispõe já no nosso país
c. Causing-event causation	A ball's rolling into it broke the vase.	(12) a despoluição que agora se vai iniciar só produzirá benefí- cios no aquífero dentro de alguns anos
d. Instrument causation	A ball broke the vase (in rolling into it)	(13) Já a autonomia pedagógica tem « conduzido a situações pouco recomendáveis»
e. Author causation	I broke the vase in rolling a ball into it.	(14) Será tarefa dos líderes en- contrar a forma de «dar um novo impulso» à CIG, conduzindo-a para uma fase de negociações
f. Agent causation	I broke the vase by rolling a ball into it.	(15) O estreitamento do mercado comprador internacional, retirou liquidez a certos grupos reduzindo o mercado comprador nacional
g. Undergoer causation	I broke my arm when i fell (= My arm broke [on me]...).	(16) os juros reduziram-se qua- tro a cinco pontos percentuais
h. Self-agentive causation	I walked to the store.	(17) Os assaltantes introduzi- ram-se na ourivesaria através do andar de cima
i. Inducive causation	I sent him to the store.	(18) César das Neves conduz- -nos a uma conclusão maior

Recordando, porém, que a relação entre as noções de 'causatividade' e de 'causa' quando aplicadas a um mesmo evento é de hiperonímia (Talmy 2000b: 152; 158), estes exemplos, juntamente com os exemplos (8) e (9) ilustram o carácter inerentemente causativo dos lexemas verbais derivados de *-duz*. Efectivamente, eles elaboram construções com mais de um argumento, admitem complemento nominal como O.D., admitem um argumento externo como Causador e mostram alternância causativa com formas (parcialmente) idênticas:

- (8) a. *César das Neves conduz-nos a uma conclusão maior.* (CETEMPúblico 1.0 anotado)
 b. *César das Neves conduziu o debate a uma conclusão maior*
 c. *César das Neves conduz* [Quem conduz o debate / o carro?].
 d. *César das Neves conduziu-se* (bem no debate).
 e. *O debate conduziu-se bem / com calma.*

- (9) a. *Esta técnica reduz o volume dos resíduos a um terço* (CETEMPúblico 1.0 anotado)
 b. *O volume dos resíduos reduz-se (com esta técnica)*
 c. *Reduz-se o volume dos resíduos (com esta técnica)*
 d. *O volume dos resíduos reduz.*

Os exemplos (7) a (9) revelam a aptidão da categoria simbólica dos verbos derivados de *-duz* para evocar representações cognitivas da percepção e concepção de eventos de movimento, (7a-d) espacial e objectivo ou (8a, b, d) abstracto. Atestam também (9a-d) a possibilidade de transformar ou interconverter diferentes representações cognitivas do mesmo evento, percebido ou concebido.

Além da lexicalização da deslocação, verifica-se também neste grupo de verbos a (tabela 6) lexicalização de todos os principais tipos de causação estabelecidos por Talmy (2000a: 471-475; 2000b: 67-88).

Dada a impossibilidade de, nesta oportunidade, analisar e documentar em detalhe toda a gama de usos dos verbos derivados de *-duz* para representar cognitivamente a deslocação e causação em múltiplos domínios, centrar-nos-emos agora na análise de alguns casos exemplares.

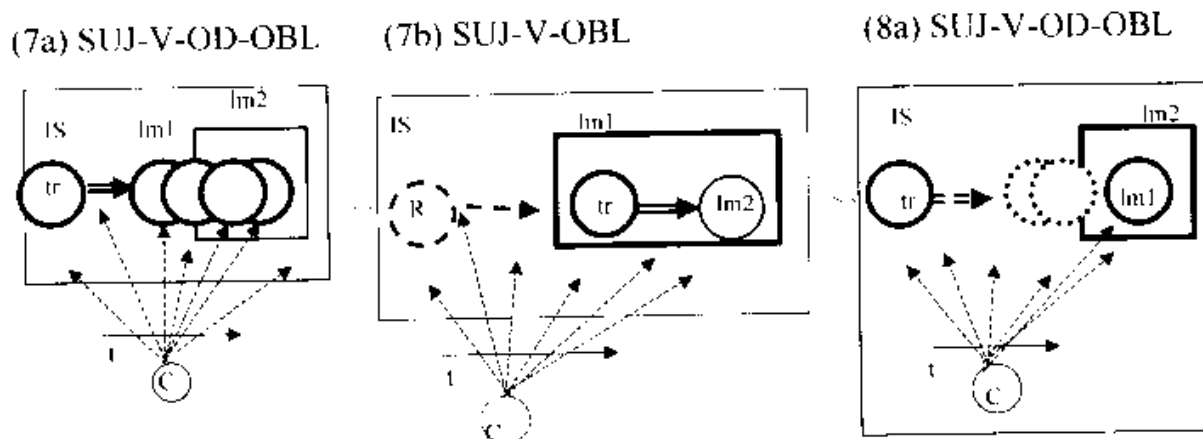
Retomemos os exemplos seguintes, extraídos do CETEMPúblico anotado 1.0:

- (7) a. *Os gritos da criança alertaram um vizinho que a **conduziu a** uma clínica local*
 b. *tomaram a estrada que **conduz a** Queluz*
 (8) a. *César das Neves **conduz-nos a** uma conclusão maior*
 b. *César das Neves **conduziu o debate a** uma conclusão maior*

Nestes três exemplos é evidente uma progressiva atenuação e subjectificação (Langacker 2000: 297-299) na elaboração dos significados de [conduzir], o que tentaremos descrever e interpretar com a ajuda da figura 1. O exemplo (7a) elabora o significado da construção do movimento causado – X faz Y deslocar-se para Z –, mas (8a), apesar de revelar a mesma construção sintáctica, incorpora um significado distinto. Quer o agente, quer o paciente são, em ambos os exemplos, animados, e o processo é categorizado pela mesma unidade, pelo que a diferença de significado não parece ser de ordem gramatical ou lexical.

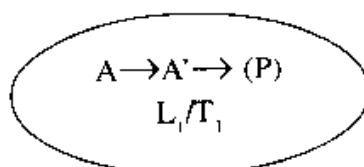
Note-se como o percurso objectivo do *trajector* (tr) e *landmark* (lm) são progressivamente convertidos num percurso abstracto e subjectivo do conceptualizador, C. Substituindo (7a) a deslocação espacial objectiva ao longo de um certo tempo objectivo (7b) por um recorrido mental dos estádios intermédios do processamento temporal, o conceptualizador, (7b) permanecendo ou (8a) não exterior ao alvo imediato da predicação, abre novas possibilidades semânticas: (7b) codificar um ponto de referência através de um novo complemento preposicional, (7b; 8a, d, e) salientar qualquer dos participantes ou ainda (8a-e) categorizar situações em domínios mais abstractos.

Figura 1 – Atenuação e lexicalização da deslocação



Por outro lado, uma análise comparada dos exemplos (7a), (7c) e (8a) é particularmente interessante pois revela uma integração conceptual de eventos que toma como matriz a co-actividade (Talmy 2000b: 251-261): uma primeira agentividade (designada por agente), executando uma actividade particular é associado com uma segunda agentividade (agência), animada ou inanimada, cuja actividade é correlativa da primeira, correlação essa que pode assumir cinco formas: concertação, companhia, imitação, dominação e demonstração.

Figura 2 – acção conjunta / assistida (Shibatani 2002)



O co-evento, que consiste na acção especificamente efectuada pelo agente, é evidente em (25c): X toma Y pela mão e desloca-se, com ele, até Z. Neste caso, tal como na causação directa (Shibatani 2002: 11-16, 90-102), o agente (A) e paciente (P) estão em contacto físico e partilham o mesmo intervalo espacio-temporal (L_1/T_1) e o agente controla intencionalmente a sua actividade de modo a sobrepujar a inércia do paciente. Contudo, não pode agir transitivamente e com controlo pleno sobre o paciente ($A \rightarrow P \rightarrow$) _{L_1/T_1} como se ele fosse (7a) quase inanimado, pois, tal como na causação indirecta, o paciente é uma segunda agentividade (A'): o causador tem que acompanhar o causado ou até realizar a mesma acção. A correlação entre os dois eventos oscila pois entre a companhia e a dominação e constitui um exemplo de causação associativa (Shibatani, 2002: 100), mais exactamente do sub-tipo acção conjunta (figura 2).

Uma vez que o efeito exige um concurso já intencional da agência, A', e o acompanhamento espacio-temporal da actividade de A' pelo agente, A, trata-se de um caso de causação associativa do tipo acção assistida.

Neste tipo de macro-evento (Talmy 2000b: 254-255), o evento-quadro (*framing event*) consiste no estabelecimento da correlação entre a acção do agente e da agência por analogia com o percurso de um objecto relativamente a outro, sendo pois comparável a um movimento causado do tipo [Agente_A Mover Figura Percurso Marco]. Consequentemente, o núcleo esquemático (*core schema*) é análogo ao Percurso. Por seu lado, o co-evento é formado pela acção realizada pelo agente e pela relação de suporte entre este co-evento e o evento-quadro.

Em (7a-d), onde domínio básico de conceptualização é o espacial, o evento-quadro é um movimento causado e o co-evento inclui uma relação de suporte particularizada (7c) como modo, (7b) como habilitação ou (7a; d) como subsequência ou resultado.

Porém, em (8a-d) o domínio básico é o temporal e o evento-quadro é a co-actividade dos dois actores, que é codificada como análoga a um percurso. Neste caso, o co-evento é a acção especificamente realizada pelo Agente, *César das Neves*, e a sua relação com o evento-quadro é particularizada como causalmente constitutiva desse mesmo evento.

Comparando (7a) com (8a) evidenciam-se dois tipos distintos de lexicalização do movimento causado. Em (7a), temos um evento-quadro, o percurso da Figura (*criança*) até ao Marco (*clínica local*), fundido com um co-evento cuja relação com o evento-quadro é particularizada como sendo de causação agentiva e co-ocorrente do movimento pelo Agente (*vizinho*). Se o evento-quadro é lexicalizado através da elaboração, pelo radical verbal, da construção do movimento causado, o co-evento é codificado pelo satélite verbal, o afixo –*con*, ou mais exactamente pelo complexo verbal, *DUZIR* ←*con*. Diversamente, em (8a), o evento-quadro é a co-actividade de duas agentividades, lexicalizada pelo satélite verbal, na qual a acção executada pelo Agente funciona como demonstração ou como um modelo para a Agência realizar a mesma actividade. O co-evento é, neste exemplo, a acção específica realizada pelo Agente, particularizada como um movimento fictivo causado ou até como uma transferência.

Nestes exemplos, a expressão da causação resulta da interacção entre a semântica do complexo verbal e da construção, não bastando nenhum destes elementos, por si sós, para a produção de tal significação. Em (7a), a lexicalização de *DESLOCAÇÃO + PERCURSO* é feita através da elaboração da construção pela raiz verbal e o co-evento pelo satélite verbal, mas em (8a) observamos a lexicalização de *DESLOCAÇÃO + CO-EVENTO* no complexo verbal e a de *PERCURSO* na elaboração da construção pela raiz verbal.

Resumindo e generalizando, não existe um único padrão básico de causativo e há diferentes tipos semânticos e padrões básicos de estruturação conceptual do movimento e da causação no Português Europeu.

4. Conclusões

Descrevemos a família etimológica dos derivados de *ducere* como uma única categoria simbólica e evidenciámos, através deste modelo de variação lexical, que em vez da dicotomia usual entre causativo e não-causativo e de um padrão básico e unificador de causativos, há diferentes tipos e padrões básicos de estruturação e lexicalização da causação

e do movimento. Evidenciámos também alguns mecanismos gramaticais e lexicais (construções, afixação, complementação preposicional, interacção verbo-construção) que permitem a conversão entre esses diferentes padrões de lexicalização. É esta possibilidade de interconversão, que permite usar e entender produções divergentes como expressões de situações causativas.

Referências

- Batoréo, Hanna (2003) Inter-sentidos: modo e causa no padrão de lexicalização espacial do Português Europeu. In Feltes, Heloísa (org.) *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Nova Prova Editora, pp. 467-478.
- Choi, S. & M. Bowerman (1991) Learning to express motion events in English and Korean: the influence of language specific lexicalization patterns. *Cognition*, 41. pp. 83-121.
- Cifuentes Honrubia, José Luis (1999) *Sintaxis y semántica del movimiento. Aspectos de Gramática Cognitiva*. Alicante: Instituto de Cultura «Juan Gil-Albert».
- Langacker, Ronald (1987) *Foundations of Cognitive Grammar - Theoretical Prerequisites*. Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 1995.
- Langacker, Ronald (2000) *Grammar and Conceptualization*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Percs, J. Andrade & Telmo Mória (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Shibatani, Masayoshi (ed.) (2002) *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Shibatani, Masayoshi & Prashant Pardeshi (2002) The causative *continuum*. In Shibatani, Masayoshi (ed.) *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 85-126.
- Silva, Augusto Soares da (2001b) Da semântica da construção à semântica do Verbo. In *Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos oferecida a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Departamento de Linguística Geral e Românica da FLUL.
- Talmy, Leonard (2000a) *Toward a Cognitive Semantics - Concept Structuring Systems*. (Vol.1). Cambridge, London: MIT Press.
- Talmy, Leonard (2000b) *Toward a Cognitive Semantics - Typology and Process in Concept Structuring*. (Vol.2). Cambridge, London: MIT Press.